

**¿Cómo se sale de un agujero?
Narrativa, violência e memória em Augusto Roa Bastos**

Rosane Cardoso¹
Amada Dörr²

RESUMO: Este artigo discute a trajetória literária de Augusto Roa Bastos relacionada com a violência no Paraguai, resultante das duas grandes guerras – a do Paraguai e a do Chaco. Os efeitos da tragédia social e política estabelecem vínculos inegáveis entre Literatura e História, entre (auto) biografia e ficção. Porém, neste estudo se considera que, para além de debates teóricos sobre o gênero narrativo, a ficção robastiana parece advir de um processo de memória irremediavelmente afetada pela violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Memória; Narração.

RESUMEN: Este artículo discute la trayectoria literaria de Augusto Roa Bastos y su relación con la violencia política de Paraguay, resultante, sobre todo, de dos grandes guerras – la de Paraguay y la de Chaco. Los efectos de la tragedia social y establecen vínculos entre Literatura e Historia, entre biografía y Ficción. Sin embargo, en ese estudio si considera que, para allá de debates teóricos sobre el género narrativo, la ficción robastiana adviene de un proceso de memoria irremediabilmente afectado por la violencia.

PALABRAS-CLAVE: Violencia; Memoria; Narración.

Para mí, el Paraguay es como un gran espejo luminoso que se ha roto en muchos fragmentos. He tratado en mis libros de reunir estos fragmentos.
Roa Bastos

Introdução

Augusto Antonio Roa Bastos nasceu em Assunção, Paraguai, em 1917, filho de um brasileiro com uma mestiça guarani. Aos dois anos, foi viver em um engenho de açúcar em Iturbe, Guairá. Ali, a mãe lia para ele trechos da Bíblia e de obras de Shakespeare, além de contar-lhe, em guarani, lendas e mitos indígenas. Aos quinze anos, Roa Bastos abandonou o estudo para alistar-se, como voluntário, na Guerra do Chaco, atuando na enfermaria, embora seu desejo fosse estar na frente armada. Tendo sido exilado mais de três vezes, foi acolhido por países como Argentina, França e Espanha. Nesses países, trabalhou como correspondente

¹ Professora Dr.^a do PPGL/ Leitura e Cognição – da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

² Mestranda em Letras – Leitura e Cognição – da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, bolsista FAPERGS.

internacional para alguns jornais, lecionou em algumas universidades e iniciou sua trajetória como escritor.

Em 1945, trabalhou como correspondente do *El País*, em Assunção, cobrindo o fim da II Guerra Mundial. Em 1947, o governo militar repressor obrigou-o a exilar-se em Buenos Aires, onde trabalhou como jornalista, roteirista de cinema, carteiro, dramaturgo e professor e de onde saíria, em 1976, instado por outra ditadura, para um longo exílio na França. Convidado pela Universidade de Toulouse-Le Mirail, passou a dar aulas de Literatura hispano-americana e de Língua e Cultura Guarani. Ao voltar para o Paraguai, em 1982, teve cassada sua cidadania paraguaia. Obteve, no ano seguinte, a cidadania espanhola. Com o fim da ditadura de Stroessner, em 1989, passou a visitar seu país, retornando mais tarde a viver em Assunção. Além de escrever romances, contos, poemas e ensaios, Roa Bastos compôs músicas, peças teatrais e roteiros cinematográficos.

Luis Alberto Sánchez (1976), em *Escritores representativos de América*, comenta que se houvesse um modelo de escritor, Roa Bastos atingiria todos os requisitos ideais previstos por essa suposta premissa. Além disso, ele pertence a um país misterioso que, junto com a Bolívia, forma uma das incógnitas sul-americanas. O Paraguai sempre foi um território ímpar localizado no centro da América de colonização espanhola. Os jesuítas ali estabeleceram suas missões, o que faz com que seja chamado de selva missioneira até hoje, como uma recordação daquela estrutura social e política do século XVI: “La compañía de Jesús instaló en Misiones un régimen de gobierno severo. Ejercían el poder los próprios jesuítas, em forma colectiva” (SÁNCHEZ, 1976, p. 142). Assim, os jesuítas se ocupavam não só com as tarefas de paz como também com as de guerra. Ao serem expulsos da Espanha e de suas colônias, em 1673, tiveram que deixar o território das missões que se tornou com isso uma terra sem governo: “[...] se produjo eso que los sociólogos de hogaño, más lingüistas que sociólogos, llaman 'un vacío de poder’” (1976, p. 143).

O ditador De Francia, que exerceu a autoridade do país de 1811 a 1840, inspirou o consagrado romance de Roa Bastos, *Yo, el supremo*, assim intitulado pelo modo como De Francia era conhecido: “el Supremo”. As fatalidades e os horrores vividos ao longo da guerra do Chaco fizeram emergir diversas narrativas sobre a tragédia, entre elas *El trueno entre las hojas* (1953), *El naranjal ardiente* (1959) e *El baldío* (1966). Porém, foi *Hijo de hombre*

(1966) que consagrou Roa Bastos no momento em que a narrativa latino-americana vivia o conhecido *boom*.

As narrativas de Roa revelam protesto e denúncias contra os abusos e injustiças de que são vitimados os paraguaios. Sua técnica não é inovadora, mas marcada pela desolação e pela tragédia. Isso o aproxima, segundo Sánchez (1976), da narração lírica, de cunho existencialista. Por mais que haja um realismo cruel, a linguagem se sobrepõe às ações narrativas. Considera-se, ainda, que tenha algumas características que poderiam assinalar uma tendência surrealista:

Los libros de Roa Bastos, dejando de lado sus poesías y sus piezas teatrales y sus guiones cinematográficos, uno de ellos con Premio Internacional en Santa Margherita, Italia, reflejan su actitud introspectiva y casi artificiosa, en el buen sentido de este vocablo. El artificio no es falsedad, sino proyección de exquisitez y de responsabilidad de ejecutiva, de donde artífice puede ser el disfraz o la sublimación del artista. Es en este último sentido (el de Benvenuto Cellini al forjar sus magníficas joyas) en el que se emplea aquí la palabra artificio (SÁNCHEZ, 1976, p.150).

Também se destaca no autor a verve metafísica e intensa que delimitará a estética roabastiana: “Es evidente que en él se disputan la primacía dos factores que son, al mismo tiempo, sus dos preocupaciones vivenciales: el economista y estudioso social y el profesor de literatura, condecorador de la técnica literaria y del estilo” (SÁNCHEZ, 1976, p. 150). Esse “estilo” de escrita é a forma direta de mostrar a realidade social da América Latina dominada por regimes autoritários. Pode-se pensar que, através de sua narrativa ficcional, Roa Bastos se volta para a reflexão sobre histórias vividas por parte da sociedade paraguaia, embora essa iniciativa, no âmbito literário, já tivesse sido contemplada em *La Babosa* (1952), de Gabriel Casacci, obra que produziu um memorável escândalo nos ambientes literários do país por abordar a frustração social diante dos problemas políticos da época. Roa Bastos, no entanto, ao tratar da violência e da injustiça social, expõe uma situação histórica cíclica presente não apenas no Paraguai, mas na América Latina, em espirais sucessivas de luta e fracasso. Crescendo cada vez mais como escritor, aproxima a crítica ao sistema a uma significativa linguagem poética, contemplando o que julga ser o compromisso de um autor, sem, entretanto, subjugar-se ao realismo documental.

A obra de Roa Bastos, portanto, denota permanente interesse pela reflexão sobre o sofrimento do povo paraguaio ao vivenciar suas duas principais guerras: a do Paraguai, de 1864 a 1870, e a Guerra do Chaco, de 1932 a 1935. Neste artigo, comentam-se alguns aspectos dessa trajetória tomando-se por base “La excavación”, conto bastante conhecido do autor, aqui discutido a partir da perspectiva do ato de narrar como possibilidade de debater a memória oficial e como processo subjetivo de compreensão da dor e do trauma provocado pela violência.

As duas grandes guerras

Os primeiros colonos espanhóis chegaram ao Paraguai no início do século XVI. A cidade de Assunção, fundada em 15 de agosto de 1537, logo se tornou o centro de uma província nas colônias espanholas na América do Sul, conhecida como "Província Gigante de Índias". Os tempos de Paraguai como colônia só acabam após a independência das colônias das Américas: “No pós-1810, esse vasto mundo de língua espanhola esfacelou-se, procurando, cada região *de per se*, transformar-se em república. O Paraguai não fugiu à regra. Transformou-se em República” (GUIMARÃES, 2001, p. 113). Em 15 de maio de 1811, O Dr. José Gaspar García Rodríguez de Francia, mais conhecido como o "Dr. Francia", ou "O Supremo", governou o país até sua morte, em 1840. Durante seu governo, Dr. De Francia reprimiu a oposição ao regime e, a fim de evitar a necessidade de comércio exterior, o ditador estimulou a autossuficiência agrícola, mediante a introdução de novas culturas, e desenvolveu as manufaturas. Essa política isolacionista contribuiu para preservar o caráter homogêneo do povo paraguaio e seu espírito de independência.

A Guerra do Paraguai teve seu início em 1864, a partir da ambição do ditador Francisco Solano Lopez, que tinha como objetivo aumentar o território paraguaio e obter uma saída para o Oceano Atlântico, através dos rios da Bacia do Prata. O confronto foi iniciado com a criação de inúmeros obstáculos impostos às embarcações brasileiras que se dirigiam a Mato Grosso através da capital paraguaia. Visando a província de Mato Grosso, o ditador paraguaio aproveitou-se da fraca defesa brasileira naquela região para invadi-la e conquistá-la, o que fez sem grandes dificuldades. Após a batalha, sentiu-se motivado a dar continuidade à expansão do Paraguai através do território que pertencia ao Brasil. Seu próximo alvo foi o

Rio Grande do Sul, mas, para atingi-lo, necessitava passar pela Argentina. Então, invadiu-a e tomou Corrientes, província Argentina que, naquela época, era governada por Mitre.

Decididos a não mais serem ameaçados e dominados pelo ditador Solano Lopez, Argentina, Brasil e Uruguai uniram suas forças em 1º de maio de 1865, através de acordo conhecido como a Tríplice Aliança. A partir daí, os três países lutaram juntos para deterem o Paraguai, que foi vencido na batalha naval de Riachuelo e também na luta de Uruguiana. O conflito bélico acabou custando muito ao Paraguai, como a perda do seu exército poderoso frente aos demais países da América do Sul e, principalmente, a morte de dois terços da população do sexo masculino e a perda de territórios, em grande parte, para o Brasil e a Argentina. A economia paraguaia ficaria estagnada pelos 50 anos seguintes.

A reconstrução econômica do país foi perturbada pela sequência de crises políticas, golpes de Estado e guerras civis das últimas décadas do século XIX. Apesar da existência de partidos políticos, Colorado e Liberal, a formação dos governos era, quase sempre, fruto de intervenções militares e revoluções palacianas. Durante a Primeira Guerra Mundial, quando o país permaneceu neutro, houve um período de certa prosperidade. Cresciam paralelamente as disputas com a Bolívia pela posse do Chaco. Em 1932, tropas bolivianas invadiram o Paraguai, desencadeando outra grande guerra pela qual passou o Paraguai: a Guerra do Chaco, que durou de 1932 até 1935, e culminou com vitória paraguaia e a anexação do Chaco ao país.

Desde os primeiros anos do século XX, os dois países construíram fortes na área contestada. Após choques esporádicos, estourou a guerra do Chaco, em que os paraguaios, comandados pelo coronel José Félix Estigarribia, venceram a muito custo. O Tratado de Paz de 1938, assinado com a intermediação do Brasil, Argentina, Chile, Peru, Uruguai e Estados Unidos, deu ao Paraguai a maior parte do território disputado e à Bolívia uma saída para o rio Paraguai, via Puerto Suárez. A Guerra do Chaco também permitiu o surgimento do primeiro movimento político importante destinado a reformar instituições. O coronel Rafael Franco, líder de um novo partido, Febrerista, assumiu a 17 de fevereiro de 1936, com grande apoio popular. Empregando métodos ditatoriais, Franco promoveu uma distribuição limitada de terras, promulgou leis sociais e trabalhistas e nacionalizou fontes de matérias-primas. Os reformistas sofreram um revés com o golpe de Estado desfechado com o exército, mas, em 1939, elegeram o herói da guerra do Chaco, José Félix Estigarribia, presidente da República.

Estigarribia promulgou a constituição reformista de 1940. Seus planos progressistas, que previam a reforma agrária e modernização do país, caíram por terra após sua morte num acidente de aviação.

Sob o governo do general Higinio Morínigo (1940-1948), o Paraguai recaiu na ditadura militar, em que as liberdades civis foram suprimidas e reestabelecidos os direitos dos latifundiários. A oposição cresceu a partir de 1944, e, em 1947, liberais e febreristas, com o apoio de parte do exército, sublevaram-se. Embora derrotados, provocaram a renúncia do ditador. Após sucessivos golpes de Estado que levaram quatro presidentes ao poder, Federico Chávez (1949-1954) assumiu o governo. Sua administração caracterizou-se pelo alinhamento com o regime de Juan Domingo Perón, na Argentina. Dificuldades econômicas e financeiras, decorrentes do forte processo inflacionário que se seguira à Guerra Civil de 1947, contribuíram para sua deposição. Em maio de 1954, o comandante do Exército, general Alfredo Stroessner, tomou o poder e fez-se eleger presidente nesse mesmo ano, sendo reeleito em 1958, 1963, 1973, 1978, 1983 e 1988.

Stroessner garantiu seu regime exilando os líderes democráticos e controlando diretamente as forças armadas. Aos apelos da Igreja em favor dos presos políticos, ele reagiu expulsando vários sacerdotes do país. Ele foi deposto em 3 de fevereiro de 1989, em golpe, liderado pelo general Andrés Rodríguez, que deixou dezenas de mortos. Empossado na presidência, Rodríguez levantou a censura à imprensa, autorizou a volta dos exilados, legalizou organizações políticas, que estavam proibidas, e convocou eleições. A 1º de maio foi eleito presidente. Em 1991 assinou em Assunção, junto com os presidentes do Brasil, Argentina e Uruguai, o tratado de criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul). Nas eleições presidenciais e legislativas de 9 de maio de 1993, ganhou Juan Carlos Wasmosy, que tomou posse na presidência em 15 de agosto do mesmo ano.

Memória e narrativa: movendo-se para chegar ao rio

A violência e as questões políticas difíceis não cessaram com um presidente eleito. Quando Roa Bastos faleceu, em 2005, Paraguai seguia buscando seu caminho de liberdade e de justiça social. O objetivo de apresentar o quadro político do país ao longo da existência do escritor tem por objetivo entender a narrativa criada por Roas e, simultaneamente, perceber sua estética que foge ao ato de truculência em si e se debate na palavra para expressá-lo. São

inúmeras as obras que poderiam ilustrar este fenômeno, mas nos detemos, ainda que brevemente, no conto “La excavación”. Não se pretende, aqui, estender uma análise do texto, mas pensá-lo como uma aproximação da construção literária robastiana e sua relação com a História e com o papel que Roa Bastos acredita que cabe à literatura latino-americana:

La literatura latinoamericana y, en especial, los géneros narrativos, nacieron así comprometidos fundamentalmente con la realidad social; no podían menos que asumir una actitud militante como instrumento de captación y, en una segunda instancia, de transformación de esa realidad social; una misión de denuncia de sus problemas y males mayores; una función testimonial de las aspiraciones colectivas, de las conmociones sociales, de sus derrotas, de sus triunfos, de sus carencias. (ROA BASTOS, 1979, 15-16)

A reflexão de Roas Bastos nasce a partir da leitura histórico-literária latino-americana e de seu viés nacionalista com o intuito de criar uma identidade própria. Mas, apesar de defender uma função social à literatura, não deixa de acrescentar que para chegar a um estatuto estético a isso se somam os problemas do indivíduo. A contundência deste conto em específico, parece ser o exemplo perfeito para observar não o que o autor denuncia, mas o modo como o faz. A narração agônica aproxima do drama real, da situação de aprisionamento, mas também dá a dimensão do estado do sujeito. “La excavación” é um conto que sofreu alterações ao longo do tempo, apresentado, por primeira vez, em 1953, em *El trueno entre las hojas*.

O conto se desenvolve a partir da tentativa de Perucho Rodi, ex-combatente da Guerra do Chaco, em sair da situação de aprisionamento em que se encontra. Ele está na cela 4 no Valle-í. Junto com ele, estão setenta e um cativos. O prisioneiro tem a ideia, então, de escavar um túnel em direção ao rio. Ali, sairiam na barranca. Revezando-se em turnos, os presos iniciam a empreitada que já dura quatro meses. Num dos turnos de Perucho, ocorre um desmoronamento e ele fica isolado dos demais. A asfixia lenta que sofre leva-o a ter delírios em que mistura eventos da guerra do Chaco e, com isso, voltam as lembranças dos massacres, do combate corpo a corpo com os bolivianos, soldados como ele, lutando sem ter certeza da razão por que lutavam. As recordações de Perucho Rodi se mesclam com delírios do seu estado de asfixiamento e com sonhos. Ele morre sem ter certeza do que se passara com ele, se sonhara ou se tivera um pressentimento.

De fato, se fora um mau presságio, pronto se concretizaria. Tendo descoberto o plano de fuga, as autoridades decidem se livrar dos prisioneiros, numa mistura de punição e de

isenção pública. Fingindo esquecer as grades abertas, “permitem” a fuga dos prisioneiros que são sistematicamente fuzilados sob a justificativa de estarem tentando fugir. Supostamente, apenas Perucho Rodi teria logrado evadir-se. A imprensa é convidada a visitar a cela e testemunhar sobre o ocorrido. Tudo se ratifica segundo interessa ao governo.

A leitura do conto remete, em muitos níveis, a um processo cíclico, seja no plano da crítica à política corrente, seja no plano de construção do texto, seja no plano da memória e construção subjetiva do protagonista. Os prisioneiros são recém-saídos de uma sangrenta guerra civil e se encontram enfiados, em meio ao mau cheiro e a aglomeração de corpos aparentemente vivos. Ainda assim, logo que morrem, são rapidamente substituídos por tantos outros ditos criminosos: “poco después el agujero fue cegado con piedras, y la celda 4 (Valle-í) volvió a quedar abarrotada” (ROA BASTOS, 1997, p. 81).

Sobre o modo como Roa Bastos estrutura a narrativa, o aspecto cíclico se complementa ao da memória. Perucho está revivendo o já passado em Chaco. Ali cavou, igualmente, com melhor sorte, um túnel para evadir-se. Na segunda vez, obviamente falha. Mas, ainda que o conseguisse, pouco valeria como vitória para a liberdade de todos: como já referido, a cela voltou a encher-se assim que os encarcerados anteriores foram eliminados, o que permite pensar que massacre é parte desta história política. Sempre haverá outros Perucho Rodi. Além disso, há a recorrência à recordação, momento em que realmente, através da construção onírica do texto, encena-se a história de violência no país.

A memória, neste conto, se apresenta em, pelo menos, duas perspectivas. Uma delas é a ratificação do problema. Sim, existe o conflito, o massacre, a tirania e estes não podem ser esquecidos ou negligenciados na memória do país ou da América Latina. A partir desse ponto de vista, a denúncia do autor é um documento, é uma “verdade” que permite que se ouçam outras vozes além da voz da memória oficial que, facilmente, pode se transformar em história oficial, apagando tudo o que não interessa ao estado. Não por acaso, o conto se encerra com a legitimação da verdade oficial por parte da imprensa. Em outra linha, existe a memória como necessidade de dizer, a memória que aprisiona um trauma. Nesse sentido, “La excavación” é emblemática.

Não resta dúvida de que a História é um relato também e, como tal, passa pelas vicissitudes do ato de narrá-la. Então, o que se lê nos livros, ainda que o mais próximo

possível da realidade, também é uma percepção da mesma, um ponto de vista, ou, se se quiser um lado da moeda, principalmente quando se pensa em histórias oficiais sobre conflitos na América Latina. Sendo assim, a narrativa ficcional talvez seja mais efetiva em narrar os sujeitos que vivem a História. Segundo levanta Saguier (1996), para Roa Bastos, a experiência do passado aproxima literatos e historiadores, ainda que ambos estejam envolvidos com diferentes ficções.

A realidade social é complexa, contraditória e repleta de possibilidades de leitura. Nesse contexto, a elaboração de memórias sobre determinado evento estabelece relações com diferentes níveis, como histórico, social, político, simbólico, cultural e pessoal, que se influenciam e se entrelaçam constantemente. Segundo a socióloga Elizabeth Jelin (2012), nas existem três premissas centrais para pensar sobre as presenças e sentidos atribuídos ao passado de crise e supressão da dignidade humana que atravessaram alguns países da América Latina. A primeira premissa remete ao entendimento das memórias como processos subjetivos ancorados em experiências e marcas simbólicas e materiais; a segunda consiste em pensar as memórias como objetos de disputas e conflitos, considerando que os produtores de sentidos estão envolvidos em relações de poder; e a terceira busca historicizar as memórias, reconhecendo que existem mudanças históricas nos sentidos do passado (JELIN, 2012, p. 36).

Dessa forma, a memória é entendida como processos de construção que permitem aos distintos atores sociais alçar suas vozes e participar das batalhas de sentidos do passado. Ao compreendermos as memórias como objeto de disputa, passamos a considerar o sujeito como agente de transformação simbólica capaz de incorporar novas interpretações ao que passou (JELIN, 2012). Contudo, os novos sentidos atribuídos ao ocorrido violento podem ser influenciados pelas relações de poder estabelecidas pela hegemonia que estão sempre presentes nos conflitos. Assim, constituem-se as tentativas de confiscar as memórias subalternas e impor um discurso oficial: “Se trata de una “lucha por “mi verdad”, con promotores/as y emprendedores/as, con intentos de monopolización y de apropiación.”(JELIN, 2012, p. 25).

Com essas considerações e voltando ao conto roastiano, propõe-se que o caráter das memórias é construído e pode mudar os significados do ocorrido, dos silêncios e esquecimentos que fazem parte da história e que estabelecem novas expectativas para o

futuro. Reconhece, portanto, a influência das mudanças históricas na elaboração dos sentidos sobre o passado, assim como a transformação do lugar atribuído às memórias em diferentes sociedades, culturas, lutas políticas e ideológicas. Desse modo, as novas gerações e os novos atores sociais têm a possibilidade de mudar as interpretações do que já passou e tentar impedir que o passado seja esquecido, pois “el sentido del pasado está en un presente, y en función de un futuro deseado” (JELIN, 2012, p. 46). O esquecimento, o silêncio, os “buracos” da memória são parte do tenso processo de lutas políticas e sociais, e a disputa sobre os sentidos do passado, muitas vezes, pode se colocar contra o esquecimento: é preciso lembrar para que a violência não se repita.

Roa Bastos sempre esteve atento a esta memória e, em “La excavación”, mais uma vez traz a crítica clara e a lembrança de conflitos cíclicos no país. Mas, afortunadamente, o autor não abandona a literatura e logra construir a memória a partir de um veio estético invulgar. Através do discurso simbólico e pelo poder de sedução da arte, pode contar os fatos da história de um país, criando um elevado nível de representações que, se denunciam claramente a situação política caótica, não rouba do leitor a possibilidade de interpretar e conhecer a partir dessa interpretação. Assim, como receptor, também é uma voz a dizer sobre a verdade que, através da leitura, não pode mais ser hegemônica para contar esta historia que parece eterna, conforme lembra Perucho: “Un agujero negro y recto que a pesar de su rectitud le había rodeado desde que nació como un círculo subterráneo, irrevocable y fatal. Un túnel que tenía ahora para él cuarenta años, pero que en realidad era mucho más viejo, realmente inmemorial.” (ROA BASTOS, 1997, p.81)

O protagonista sonha e recorda – “soño (recordó)” (p.81) – cada vez mais, à medida em que sua vida se esvai preso no túnel em que, de algum modo, sempre estivera. Existe, deste ponto de vista, desesperança na narrativa de Roa Bastos. O ciclo da violência é eterno. Por outro lado, considerando sua escritura, parece que a redenção poderá estar em que lê os vários Peruchos que aparecem ao longo da trajetória roabastiana, corroborando o que disse o autor, no clássico ensaio sobre imagem e perspectivas propostas pela narrativa latino-americana:

Para que exista una literatura, además del valor estético de sus obras, es necesario un centro de cohesión interior, una visión coherente y unitaria sobre el conjunto de la realidad. De esta coherencia interior procede la posibilidad de comunicación

interhumana de una literatura en un momento determinado, pero también el sentido de continuidad histórica a través de sus variaciones posibles. (ROA BASTOS, 1979, p.8)

Considerações finais

Perucho Rodi é, em certa medida, a escritura defendida por Roa Bastos, mas também é a representação do sujeito que vive e revive constantemente o trauma de uma guerra interminável. Nos momentos finais, o protagonista não tem mais o que reviver na memória do que a longa história da guerra, seja a do Chaco, seja a cotidiana que cerceia a liberdade e que coloca irmão contra irmão, não diferente do que sente em relação aos bolivianos que matou em nome de algo que não tem como acreditar.

Por fim, trazer a perspectiva da memória subjetiva ao texto de Roa Bastos alia-se a presentificação que ele dá às personagens. Perucho Rodi não é um herói destemido e patriótico. Ainda que esteja buscando um país melhor – razão por que é feito prisioneiro – a narrativa sobre ele é composta pelo lirismo e pelo simbólico. A relação que se estabelece entre ele e a terra remetem imediatamente a uma vivência uterina e a um parto, no caso, mal fadado. A identificação com esta terra – América Latina? – oferece a saída e novas possibilidades de vitória sobre os opressores. Se estes fecham a boca do “agujero” e enterram mais prisioneiros é porque reconhecem neles o recomeço. Eles são as vozes telúricas que não se calam nunca. É nelas que a memória permanece e é delas que surgirão novas vozes para contar a história latino-americana.

Referências

- GUIMARÃES, Acyr Vaz. *A guerra do Paraguai: suas causas*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Lima: IEP, 2012.
- ROA BASTOS, Augusto. “La excavación”. *El trueno entre las hojas*. Asunción: El Lector, 1997. p. 78-82.
- _____. *Yo, el supremo*. Madrid: Cátedra, 2005.
- _____. *Hijo de hombre*. Madrid: Alfaguara, 1997.
- _____. *O livro da Guerra Grande*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. Imagen y perspectivas de la narrativa latinoamericana actual. *Cuadernos de cultura latinoamericana*. Nº 39. México: UNAN, 1979. Disponível em http://ru.ffyl.unam.mx:8080/jspui/bitstream/10391/2983/1/39_CCLat_1979_Roa_Bastos.pdf. Acesso em 28 de outubro de 2014.

SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Escritores representativos de América*. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

SAGUIER, Roque. *La literatura como expresión de la realidad nacional*. Asunción: El Lector, 1996.

SHAW, Donald L. *Nueva narrativa hispanoamericana: boom, posboom, posmodernismo*. Madrid. Cátedra, 2008.